

ANONÁCEAS NATIVAS

Carlos David Ide¹; Alcilio Vieira¹; Jeronimo Graça¹;
José Francisco Martinez Maldonado¹; Regina Celia Alves Celestino¹;
Luiz de Moraes Rêgo Filho¹; Julio Cesar da Silva Monteiro de Barros¹

(¹Pesquisador da Pesagro-Rio)

As Anonáceas constituem uma família botânica que engloba diversas fruteiras de importância econômica no Brasil e no mundo, como fruta-do-conde (ou pinha), graviola, cherimoia e atemoia. Diversas fruteiras nativas pertencem às Anonáceas, como o araticum do cerrado (*Annona crassiflora*), araticum do brejo (*Annona glabra*) e pindaíba (*Duguetia lanceolata*), porém, no Estado do Rio de Janeiro, é comum encontrar nos quintais o biribá e a condessa.

As Anonáceas, além de terem seus frutos utilizados na alimentação humana, podem servir para fins medicinais, arborização e reflorestamento.

Ata lisa

A ata lisa (*Annona reticulata*), também conhecida como fruta-da-condessa ou simplesmente condessa, pertence à família das Anonáceas e é originária da Amazônia brasileira e peruana. É uma pequena árvore de seis a dez metros de altura, com folhas simples e alternadas, que possuem forma lanceolada, atingindo de dez a treze centímetros. Não costuma formar inflorescências, pois suas flores são solitárias ou aos pares. Formam seis pétalas, sendo as três externas, mais espessas, ligadas à base, onde existem numerosos pequenos estames. O fruto é, na realidade, uma sincarpia, em que numerosos frutinhos se unem, formando um corpo globoso ou ovoide. A casca é espessa, amarelada, formando escamas. Cada escama identifica um frutinho. O fruto pode superar um quilograma e ultrapassar dezesseis centímetros de diâmetro. Nos frutos, encontram-se numerosas sementes escuras.

Biribá

O biribá (*Rollinia mucosa*), também conhecido como condessa-verdadeira, ata ou araticum-patiá, também pertence à família das Anonáceas. É uma pequena árvore, raramente atingindo dez metros de altura, originária da Região Amazônica, México e Antilhas. Suas folhas são alternadas, oblongas lanceoladas, medindo de quinze a vinte cinco centímetros de comprimento. Não forma inflorescência; as flores são solitárias ou aos pares, surgindo nas axilas das folhas, na cor verde-claro, formadas por três sépalas soldadas na base e corola com seis pétalas, sendo as três externas espessas. Os estames são numerosos, localizando-se na base. Os carpelos, em grande número, localizam-se logo acima. O estigma é volumoso, capitado (em forma de “cabeça”). O fruto é um sincarpo bacáceo, ovoide ou globoso, formado pelos vários carpelos que se soldam com o desenvolvimento do fruto; casca espessa, amarelada, com saliências carnosas, formando “escamas”. Um fruto pode pesar dois quilogramas e medir 20 cm de comprimento e 25 cm de diâmetro. Observa-se, internamente, grande número de sementes escuras. A polpa é branca ou creme, com sabor agridoce e aroma agradável.

Ambas as fruteiras anonáceas têm preferência por clima quente e úmido, desenvolvendo-se bem em boa parte do Estado do Rio de Janeiro, preferindo solos profundos e bem drenados, podendo ser cultivadas em áreas de pequena a média inclinação.

A ata lisa, assim como o biribá, propaga-se através de sementes. Para semear as mudas no viveiro, sugere-se o seguinte procedimento: as mudas deverão ser semeadas em sacolas plásticas específicas para plantio, com capacidade para dois ou três litros, que devem ser preenchidas com substrato de solo, composto de um terço de húmus de minhoca, um terço de terra vegetal (“terra preta”) e um terço de solo de textura média (não muito argiloso, nem muito arenoso), bem misturados. Preencher as sacolas de mudas e deixar descansar por quinze dias antes de semear. Substratos já prontos para esta finalidade, que podem ser encontrados em lojas especializadas, também podem ser utilizados. Colocar três sementes por sacolinha, enterrando-as a uma profundidade de um a dois centímetros. Molhar com abundância logo a seguir. É importante irrigar diariamente, salvo quando chover bastante.

O plantio é feito em cova de 50x50x50cm. Na terra que é retirada da cova, devem-se acrescentar vinte litros de esterco de curral bem curtido. O esterco de curral pode ser substituído por dez litros de esterco de aves ou húmus de minhoca. Se houver interesse de enriquecer mais a terra, é recomendado aplicar meio quilo de calcário dolomítico ou duzentos gramas de cal (hidratada), além de uma fonte de fósforo, como, por exemplo, trezentos gramas de superfosfato simples, fosfato de rocha ou farinha de ossos. Misturar bem os ingredientes à terra retirada das covas e retornar esta terra à cova. Esperar cerca de duas semanas antes de plantar.

Recomenda-se retirar as mudas das sacolinhas com o torrão inteiro. Deve-se fazer um buraco mais ou menos do tamanho do torrão e introduzi-lo no buraco. Deve-se ter o cuidado de deixar a parte de cima do torrão dois dedos acima do nível do solo para evitar que doenças matem as mudas (phytophthorose, fusariose e outros). Para o plantio comercial dessas anonáceas, sugere-se o espaçamento de 7x7m. É interessante amarrar as mudas a uma pequena estaca de bambu, porém frouxamente para não machucar as mudas durante o desenvolvimento. Se possível, amarrar em forma de “8” (Fig. 1).

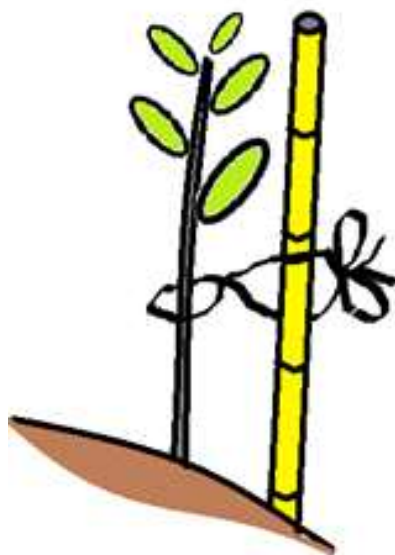


Figura 1: Amarrio das mudas à estaca de bambu.

Não há técnicas disponíveis para adubar essas fruteiras, porém sugere-se que, uma vez por ano, sejam aplicados de 10 a 20 litros de esterco de gado por planta, na projeção da copa (mais ou menos na borda da sombra da planta ao meio dia). Não havendo esterco disponível, é possível aplicar adubo químico. Aconselha-se a aplicação, a cada quatro meses, de 50 gramas de adubo 10:10:10, nos dois primeiros anos. No terceiro e quarto anos após o plantio, aumentar a dose para 75 gramas da mesma formulação por planta. A partir do quinto ano, aplicar três doses de 100 gramas. O adubo químico também deve ser aplicado na projeção da copa.

Não se recomenda capinar toda a área do pomar de biribá ou de ata lisa, principalmente em áreas de encostas, para evitar erosão e perda de umidade no solo, mas é importante manter toda a área roçada. Somente deve ser capinada a área ao redor das plantas (coroamento), com cuidado, para não ferir o tronco e as raízes.

Caso se desejarem plantas de baixo porte para facilitar a colheita dos frutos, recomenda-se a “formação em taça”. A vantagem dessa formação é o maior arejamento e iluminação do interior das plantas. Dessa forma, deixa-se a planta crescer em “haste única” (sem ramos laterais) até um metro de altura, fazendo-se uma poda a 60 centímetros do solo. Após dois ou três meses da poda, retirar todos os ramos laterais abaixo de trinta centímetros. Deixar de três a cinco ramos em torno do tronco, de forma bem distribuída no espaço, para que um ramo não faça sombra no outro (Fig. 2).

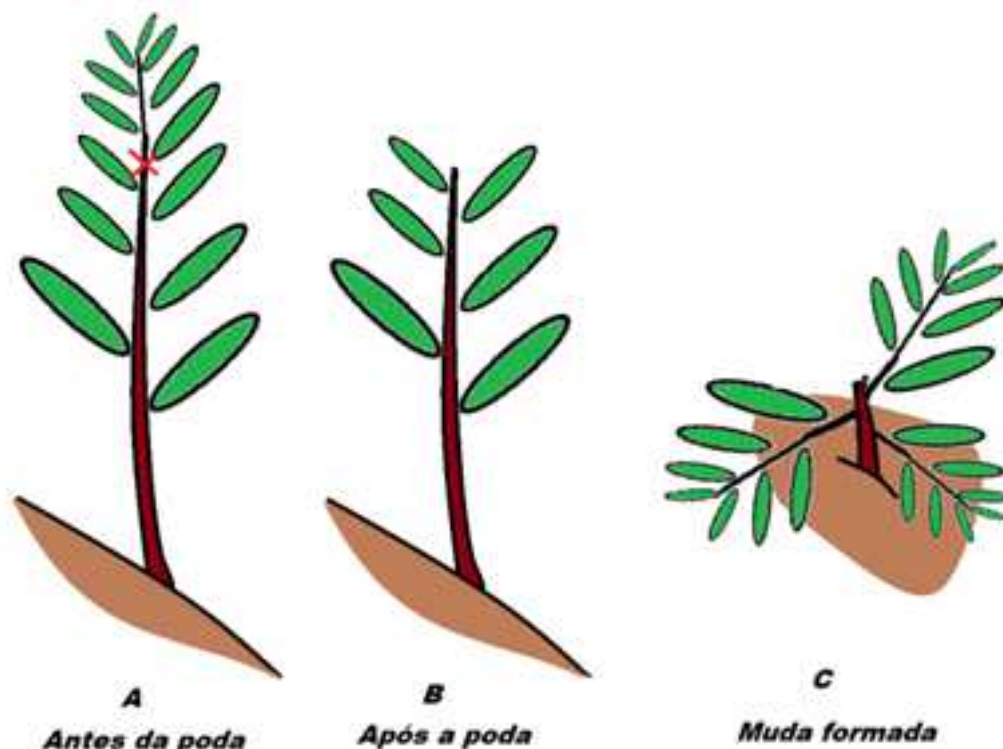


Figura 2: Formação das mudas no campo.

A poda de limpeza pode ser feita no final do inverno ou no início da primavera, antes de a planta florescer e frutificar. Recomenda-se retirar os ramos doentes, os que se desenvolvem muito para baixo e os ramos próximos ao solo, além dos que se posicionam muito para cima ou para o interior da planta, prejudicando seu arejamento interno.

Apenas com a prática será possível determinar o ponto de colheita dos frutos (de vez). Sugere-se que os frutos sejam colhidos quando a coloração verde-escuro da casca passar a verde-claro e as espículas (gomos) estiverem bem mais separadas em relação aos frutos mais verdes.

A ata lisa e o biribá podem ser consumidos ao natural, como frutas frescas, na forma de sorvete ou de suco. No caso do biribá, não se recomenda bater no liquidificador, pois a polpa toma o aspecto de muco (gosma), provocando repulsa em algumas pessoas.